

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA INDÍGENA EM UMA
ESCOLA URBANA DE PARINTINS.

Bolsista: Relce Lopes Teixeira -FAPEAM

Parintins

2013

A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA INDÍGENA EM UMA
ESCOLA URBANA DE PARINTINS.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE APOIO A PESQUISA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB – H 0077/2012
A FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DA CRIANÇA INDÍGENA EM UMA
ESCOLA URBANA DE PARINTINS.

Bolsista: Relce Lopes Teixeira, FAPEAM

Orientadora: Prof.Mc. Ignês Tereza Peixoto de Paiva

Parintins

2013

RESUMO

O presente texto é fruto da pesquisa intitulada “A formação identitária da criança indígena em uma escola urbana de Parintins” e buscou compreender a formação identitária da criança indígena em contexto escolar urbano, como os processos educacionais formais da escola urbana valorizam os conhecimentos tradicionais da criança indígena, tendo em vista o reconhecimento dos direitos dessas crianças, a manutenção de suas identidades em espaços urbanos, assim como, uma educação escolar não homogeneizadora que trabalhe com os valores, saberes e práticas desses pequenos atores sociais. Tendo em vista atingir os objetivos propostos neste projeto foi realizada uma pesquisa qualitativa desenvolvida em três etapas. A *primeira etapa* corresponde ao levantamento da literatura sobre a temática em questão, seguida de estudos e análises. Para esta etapa foram selecionados livros, texto e artigos em formato digital. A *segunda etapa* se refere à pesquisa de campo, aconteceu em três momentos estágio um, dois e três, foi nessa fase que se coletou os dados por meio da observação participante e entrevista semi-estruturada. A *terceira etapa* desta pesquisa foi o processo de sistematização, análise e interpretação dos resultados coletados na pesquisa de campo. Para um melhor resultado dos estudos, a pesquisa teve respaldo teórico nas exposições de vários autores que trabalham a temáticas, cultura, identidade e crianças indígenas.

Como consequência da pesquisa, se obteve resultados que respaldam a afirmação de que a visão que se tem dos povos indígenas é uma visão européia, preconceituosa que não respeita o diferente, mas se homogeneiza saberes, prejudicando a formação da identidade da criança indígena.

Palavras-chave: Cultura; Identidade; Criança indígena.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
1.1 Considerações teóricas sobre Cultura	12
1.2 Concepções sobre Identidade: uma reflexão necessária	15
1.3 Criança Indígena	19
2. Desenvolvimento	21
3. Metodologia	22
4. Resultados e Discussões	25
5. Considerações finais	27
6. Fontes e Referências	29
7. Cronograma detalhado por fases da pesquisa:	30

INTRODUÇÃO

Para a antropologia, a identidade se constrói com características culturais, ou seja, ela se distingue pelo conjunto de elementos culturais obtidos pelos indivíduos por meio da herança cultural. Sendo assim os diferentes grupos humanos apresentam identidades diversas que são comprovadas quando se toma consciência da diferença entre as pessoas. Dentre esses diferentes grupos humanos encontra-se a criança indígena que brincando, imitando os pais, ouvindo as histórias contadas pelos mais velhos, participando das atividades cotidianas e de rituais inerentes da sua cultura, das atividades do dia-a-dia, assimila elementos do seu meio social e assim vai formando sua identidade cultural.

Ao vir residir na cidade rompem-se os laços estreitos que havia entre o adulto e a criança, pois há necessidade de integração de seus familiares no mercado globalizado do trabalho. Diante disso, a educação dessas crianças fica aos cuidados da escola urbana, deixando de lado os saberes tradicionais que as crianças vivenciavam na aldeia. Nesse contexto em que a criança indígena precisa passar por esse processo de adaptação entre o que vivenciava na aldeia e o que será vivenciado no espaço urbano, para que ela não seja prejudicada em sua formação identitária ao ser inserida na escola urbana, precisa ser contemplada em suas características culturais e necessidades sócio educativas, de forma que a escola não permita atitudes preconceituosas nos atos, gestos e falas da criança indígena, visto que a escola configura-se como instituição formadora de sujeitos capazes de exercer sua cidadania, lugar de identidades e espaço onde se encontra uma considerável diversidade cultural, tais atitudes não podem ocorrer.

Nesse sentido, a necessidade dessa pesquisa se deve a constatação de uma criança indígena inserida em uma escola urbana, nas séries iniciais do ensino fundamental, pelos motivos citados acima. Deste modo, percebe-se a importância de refletir sobre tal temática, pois ser criança indígena, assim como todas as outras, é ser respeitada perante sua cultura sob qualquer circunstância e sua identidade precisa ser reconhecida, dessa forma a escola permitirá que a criança indígena mantenha sua alteridade, ou seja, que ela seja realmente quem ela é, uma criança indígena, caso contrário se for vista de

modo restrito ou preconceituoso sofrerá danos, no sentido de negar sua própria identidade étnica.

Tendo em vista atingir os objetivos propostos neste trabalho, foi realizada uma pesquisa de campo, onde foram vivenciadas ações da vida cotidiana das crianças indígenas para obter dados descritivos mediante o contato direto e interativo com ambiente de ocorrência da investigação. Vale lembrar que esta pesquisa trás possibilidade de gerar conhecimentos que ajudarão no fortalecimento da identidade das crianças indígenas, bem como, irá ajudar os professores a reconhecerem e compreenderem que existem inúmeras culturas dentro da sala de aula e estas devem ser reconhecidas, a partir das peculiaridades socioculturais.

Muitos são os motivos, do ponto de vista da investigação e produção do conhecimento científico, que justificaram a execução deste projeto. Em primeiro lugar, a pesquisa de campo é imprescindível à realização da pesquisa do tipo qualitativa. Isso porque esse tipo de pesquisa propicia ao pesquisador a obtenção de dados descritivos mediante o contato direto e interativo com o ambiente natural da investigação, favorecendo o recolhimento de dados que vão além de impressões imediatas, sobre hábitos, crenças, valores, práticas e a forma de compreensão da visão de mundo de um determinado povo, grupo social etc, por exemplo, de crianças indígenas.

Nesse sentido, a pesquisa pretendeu ser um ponto de referência capaz de mostrar como se dá a formação identitária da criança indígena em uma escola urbana, localizada no município de Parintins, no Estado do Amazonas, servindo de embasamento para a realização de futuras pesquisas que emergirão a respeito do tema. No que diz respeito a pesquisa de campo sobre a temática abordada, era para ter iniciado no estágio um, na Educação Infantil, porém, na escola que foi realizado o estágio não havia criança indígena e não foi possível coletar dados relevantes para a pesquisa. Somente no estágio dois, Ensino Fundamental que iniciou em 04 de fevereiro de 2013, foram coletados dados por meio da observação participante e entrevista semi-estruturada.

O motivo maior para a realização desta pesquisa decorreu da necessidade de se compreender a formação identitária da criança indígena em espaço urbano, tendo em vista o reconhecimento dos seus direitos, assim

como, o de manterem suas identidades nesses espaços, pois crianças indígenas são seres de direitos, seres históricos e sociais, assim como qualquer criança, e principalmente de identidades diferentes, por isso, sua educação não pode ser de forma homogeneizadora.

Acredito que os argumentos expostos até aqui, foram suficientes para dar razão à execução deste projeto, as expectativas no que concernem as informações coletadas no decorrer da pesquisa, é de que contribuirão significativamente para ampliar o conhecimento sobre a construção das identidades de crianças indígenas em espaço urbano, no município de Parintins. Nessa perspectiva, essa pesquisa foi respaldada nas exposições de vários autores que trabalham as temáticas, cultura, identidade e crianças indígenas.

Para discorrer sobre identidade de crianças indígenas, primeiro foi necessário ter o esclarecimento sobre o significado de cultura e como está sendo concebida hoje, visto que seus sentidos têm modificado ao longo do tempo. Segundo, entender o fenômeno da identidade, visto que ela se constrói a partir de características culturais. E terceiro, conhecer o objeto de estudo (criança indígena) da pesquisa, como vive, do que brinca, o que gosta de fazer etc.

Para discorrer sobre cultura, identidade e crianças indígenas, foram utilizadas na investigação as considerações de alguns autores como: Denys Cuhe que trabalha a noção de cultura nas ciências sociais; Luiz Gonzaga de Mello discute antropologia cultural; Stuart Hall que retrata a identidade cultural na pós-modernidade; Tomaz Tadeu da Silva discute sobre Identidade e diferença; Philippe Ariès que trabalha a história social da criança e da família; Carmem Junqueira, estuda antropologia indígena; Angela Nunes e Eduardo Carrara que trabalham o processo ensino-aprendizagem, as brincadeiras, o modo de vida em geral de crianças indígenas de varias etnias, tais como: crianças Xavante; crianças A'uwe – xavante; crianças Guarani etc.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 Considerações teóricas sobre Cultura

Ao falar de cultura, devemos ter o esclarecimento sobre seu significado e como está sendo concebida hoje, visto que seus sentidos têm modificado ao longo do tempo. Faz-se necessária essa análise, pois o conhecimento sobre cultura permite o entendimento da diferença entre os povos (CUCHE, 2002), uma vez entendida, se pode falar em respeito e tolerância da cultura do outro.

Ao analisar historicamente e semanticamente a palavra cultura, encontraremos diversos significados. O primeiro encontra-se no final do século XII, em que a palavra se refere a cultivo da terra, de plantações e de animais. Daí o entendimento das palavras que conhecemos hoje, tais como agricultura, floricultura etc. O segundo significado aparece no início do século XVI, não significa mas o estado da coisa cultivada, e sim uma ação, ou seja, o fato de cultivar a terra, as plantações etc. Na metade deste século se forma o sentido figurado da palavra, passando a designar a cultura de uma capacidade, o cultivo da mente humana, isto é a mente humana cultivada.

Um terceiro sentido da palavra cultura, originado no Iluminismo, “é associada às idéias de progresso, de evolução, de educação, de razão que estão no centro do pensamento da época [...]” (CUCHE, 2002, p. 21), ou seja, cultura para os pensadores iluministas é a totalidade dos conhecimentos acumulados e transmitidos pela humanidade. Um quarto sentido trata-se de uma visão antropológica de cultura não, mas no singular e sim no plural culturas, que diz respeito aos diversos modos de vida, valores e significados compartilhados por diferentes grupos. Neste sentido, cultura quer dizer a forma geral devida de um dado grupo social, com suas representações da realidade e suas visões de mundo.

Uma quinta definição decorre da antropologia que também se refere a valores e significados compartilhados por grupos, porém, destaca a dimensão simbólica, diz o que a cultura faz, em vez de definir o que a cultura é. Deste modo a cultura é entendida como prática social, ou seja, os significados são atribuídos, a partir da linguagem às coisas e acontecimentos do mundo natural. Nesse sentido Mello (2009, p. 41) afirma:

Na realidade, a cultura, em sentido largo, é o conjunto de obras humanas. É a cultura que distingue o homem dos outros animais. Por mais perfeito que seja um ninho de passarinho, pouco representa como realização comparado com qualquer objeto feito pelo homem. A diferença está, a nosso ver, na inconsciência que

domina a atividade animal e na consciência que está presente ao ato humano.

Se a cultura é uma prática social que forma o conjunto das obras do homem, isso significa que está sempre em movimento, nunca esta pronta e acabada, pois o homem sempre encontra formas para criar e recriar a natureza, o mundo ao seu redor. Fica subentendido que cultura não é uma herança que se transmite imutável de geração em geração, é uma produção e construção histórica das relações dos grupos sociais entre si (CUCHE, 2002).

Essa afirmação é reforçada por Mello (2009, p.80) que diz:

[...] as culturas estão sempre em movimento. Mesmo aquelas culturas que parecem estabilizadas e inertes, [...] Nelas pode-se ver toda uma população que nasce, cresce e morre. Em cada membro e em todos os membros estão presentes os valores culturais. Em uns predomina o ódio noutros predomina o amor [...] Alimentos são produzidos e distribuídos, a arte e o artesanato são distribuídos [...].

Com isso o autor quer dizer que cultura compreende um conjunto de conhecimento, crença, arte, lei, costumes, tradições, modos de vida etc, adquiridos pelo homem como membro da sociedade e que se modificam conforme a dinâmica da realidade.

A partir dessas considerações teóricas pode-se asseverar, a cultura é uma manifestação histórica que sempre esteve presente em todos os âmbitos da sociedade, bem como nos costumes, hábitos e crenças de um povo, podendo ser vista das mais diversas maneiras, dependendo do olhar de quem está de posse dela, a cultura não é algo estático e muito menos é algo que deve ser imposto a um povo, já que na sociedade há uma diversidade de culturas que devem ser respeitadas e valorizadas.

Partindo desse princípio, é importante definir a cultura como algo que está em constante transformação, uma vez que ela está inserida em um contexto social e histórico. Nessa vertente, Silva, (2000, p. 427) ressalta que a cultura é:

Fenômeno unicamente humano, a cultura se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. [...] É compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo, pois a um fenômeno individual.

Sendo assim a cultura é um fenômeno que ocorre dentro de um processo dinâmico que engloba não somente a cultura de um grupo, mas uma diversidade de culturas que se fazem presente na sociedade seja ela local ou global, ou seja, a cultura é algo onde se manifesta conhecimentos, atitudes, hábitos e valores.

A partir dessa perspectiva, é importante que se respeite as peculiaridades existentes em cada cultura, pois não existe somente uma, mas uma diversidade delas, ou seja, “[...] sempre existe cultura nas culturas, mas a cultura existe apenas por meio das culturas” (MORIN, 2002, p. 56), pois a diversidade cultural é algo vinculado à dinâmica do processo associativo, bem como pode ser concebida como as diferenças existentes entre os seres humanos e o modo como interagem um com os outros, sempre respeitando as peculiaridades “culturais”, sociais e históricas de cada ser humano.

Diante de toda essa discussão se torna necessário afirmar que todas as culturas merecem a mesma atenção e respeito, não existe cultura melhor ou pior, todas são diferentes e importantes. Partindo desse princípio, a escola não pode permitir uma educação monocultural, homogeneizadora, padrão. Há a necessidade de promover práticas educativas que contemplem todas as culturas.

1.2 Concepções sobre Identidade: uma reflexão necessária

Primeiro se fez indispensável falar de cultura para poder discorrer sobre identidade, uma vez que a identidade é formada por características culturais, ou seja, o indivíduo forma sua identidade adquirindo elementos da cultura. A afirmação de que as sociedades atuais são sociedades de mudanças constantes e rápidas, conduz Stuart Hall (2006) à ênfase de que o conceito de identidade é complexo e muito pouco desenvolvido e compreendido na ciência social contemporânea, ficando impossível oferecer afirmações irrefutáveis, e sim discussões e argumentações teóricas a respeito da temática.

Para Silva (2007, p.96):

[...] identidade não é uma essência [...] não é fixa, estável, coerente, unificada ou permanente. Também não há uma homogeneidade da identidade. Desse modo, ela não é definitiva, acabada, idêntica [...].

De qualquer forma, é possível asseverar que a identidade é uma produção, um efeito, um processo de construção, um elemento relacional [...].

Desse modo não se pode dizer que a identidade é considerada pronta e acabada, pois está em constante construção e mudança, ou seja, por mas que o individuo ainda possua um núcleo ou essência interior que é o que Stuart Hall chama de "eu real", este é desenvolvido e transformado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem (HALL, 2006). Sendo assim até o fim da vida está se construindo a identidade.

Atualmente se verifica que a sociedade moderna está sofrendo um tipo de mudança estrutural, favorecendo, dessa forma, a fragmentação das identidades culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado forneceu sólidas localizações como indivíduos sociais. Giddens (*apud* HALL, 2006, p. 14) argumenta “nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações [...]”. Já a modernidade tem como característica a mudança rápida, abrangente e contínua, é uma forma altamente reflexiva de vida, na qual as práticas sociais são constantemente examinadas e aperfeiçoadas mediante as informações recebidas sobre as próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, seu caráter (HALL, 2006).

Isso quer dizer que na medida em que culturas e identidades diferentes são postas em interconexão umas com as outras, transformações sociais atingem significativamente toda a superfície da terra e o que se tinha por natural deixa de ser.

Dentro dessa discussão Hall (2006, p. 9) ainda afirma:

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento - descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo.

A sociedade cria padrões comportamentais, de beleza, de família, de casais, de roupas da moda etc, e quando você não se encaixa nesses padrões, acontece a exclusão social, e para não serem ou se sentirem excluídas muitas pessoas adotam os padrões socialmente aceitos, desvalorizando a sua identidade cultural. O que corre na verdade é uma permissão, uma negociação entre a identidade definida por si mesmo e uma identidade definida pelos outros, ou seja, a identidade é vista como um meio para atingir um fim, não é absoluta é relativa, é empregada de maneira estratégica, levando em conta a situação social, a relação de força entre os grupos. Daí vem às perguntas, diante da relatividade e da indefinição relacionada à identidade: quem sou eu? O que quero ser?

Bem, segundo Silva (org.) Hall, Woodward (2007) as narrativas das telenovelas e a propaganda ajudam a construir certas identidades de gênero, por exemplo, o perfil da mulher do século XXI, a mídia diz como a esposa deve se comportar, como deve agir quando traída, como ser uma boa mãe, enfim, diz muitas coisas das quais podemos nos apropriar e fazer ou não uso delas em nosso cotidiano. Em relação à propaganda, só produzirão o efeito desejado se apelarem para o consumo e fornecerem imagens com as quais os consumidores se identificarem.

Antes as identidades eram consideradas sólidas nas quais os sujeitos se encaixavam socialmente, hoje elas se encontram em situações menos definidas favorecendo a crise de identidade. Para ficar melhor compreendida essa afirmação, Stuart Hall esclarece três concepções de identidade. A primeira, relativa ao *sujeito do iluminismo*, indivíduo totalmente centrado, padronizado, dotado de capacidades de razão, de consciência e de ação. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa, concepção muito individualista do sujeito e de sua identidade, ou seja, uma identidade interna, acontecia de dentro para fora.

A segunda concepção refere-se ao *sujeito sociológico*, concepção interativa da identidade e do eu. A identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade, ou seja, nessa concepção o sujeito não é autônomo e auto-suficiente, sua identidade é formada na relação com outras pessoas.

E por fim a concepção de *sujeito pós-moderno*, em uma concepção de identidade que não é fixa, essencial ou permanente. O sujeito assume

identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Esse fato está diretamente ligado ao fenômeno da globalização (HALL, 2006) entendido como o processo típico da segunda metade do séc. XX que conduz a crescente integração das economias e das sociedades dos vários países, no que toca à produção de mercadorias e serviços, aos mercados financeiros, e à difusão de informações. A partir dela todas as esferas da sociedade passam a sofrer influências oriundas desse processo, integrando aspectos que não possuíam na sua gênese. O processo de globalização econômica enfraqueceu as tradicionais instâncias doadoras de identidade, como a família, a religião, o trabalho, a idéia do Bem comum etc.

Diante dessa incoerência, se pode pensar, quem precisa de identidade? Ora, a identidade é um conceito posicional, estabelecida pelas diferenças, constituem posições que os indivíduos precisam assumir, todos os sujeitos enquanto integrante de um grupo precisa de identidade que o ligue a esse grupo. Sendo assim, por exemplo, uma criança indígena precisa adotar características culturais do grupo étnico da qual faz parte. Nesse contexto a negação da identidade, na qual todos podem ser vítimas, é inaceitável.

A criança indígena pode ser vítima dessa negação, podendo recusar sua própria identidade étnica, pela discriminação e preconceito que sofrem. Sabendo que a identidade dessa criança é construída por aspectos culturais e que para fazer parte do seu grupo étnico, precisa adquirir comportamentos, valores, enfim características do seu grupo.

Tal premissa leva-nos a refletir que o homem está em busca de uma identidade que defina o modo pelo qual deve interagir com os demais e conviver consigo mesmo. Fleuri destaca que, [...] “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, num processo descrito como uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política da diferença” (2007, p.57), Decorrente disso pode-se dizer que a identidade é formada a partir do momento histórico, social bem como cultural a qual o homem está vivenciando, seja ela individual ou coletiva, a identidade é algo que, nos diferencia dos outros, o que nos caracteriza como pessoa ou como grupo social.

Em outras palavras, o processo de construção da identidade, perpassa por fatores sejam eles históricos, sociais, políticos, econômicos como também

culturais, mas acima de tudo perpassa por um processo educacional, uma vez que a construção da identidade é um ato de aprendizagem constante, seja ela individual como também coletiva, fazendo com que o homem esteja disposto a recriar valores, vivências, normas que se fazem presentes na sociedade a qual está inserido.

Portanto é importante destacar que criança indígena assim como qualquer homem da sociedade, está em busca de uma identidade cultural, ou seja, procura ser respeitada de acordo com a diversidade cultural a qual está inserida, bem como busca reconquistar a alteridade que de certa forma foi reprimida quando os não indígenas, colonizadores adentraram sua terra e impuseram sua “cultura”, desconstruindo um modo próprio de se ver o mundo e as tradições sócio-culturais de uma sociedade rica de bens históricos, sociais, políticos e culturais. Nessa ótica, ao adentrar na escola urbana, cabe a tal escola ajudar a manter a alteridade dessa criança.

1.3 Criança Indígena

Analisando a história da criança na sociedade medieval, não existia o sentimento ou a consciência da particularidade da infância. Assim que podia viver sozinha, a criança ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia deles.

Tal fato nos comprova que a hierarquia infância foi construída a partir da visão do adulto sobre a criança, porque havia um completo desconhecimento das especificidades do mundo infantil. Para retratar um pouco dessa ignorância Áries (2006, p.75) fala da “liberdade com que se tratavam as crianças, da grosseria das brincadeiras e da indecência dos gestos cuja publicidade não chocava ninguém, ao contrário, pareciam perfeitamente naturais [...]”, era um adulto em miniatura, fazia e participava de tudo que o adulto fazia, logo que a criança adquiria alguma desenvoltura física, era inserida no mundo e nos afazeres dos adultos, participava de festas, jogos e dos trabalhos dos adultos, esse fato acontecia a partir dos sete anos de idade.

Nessa ótica a infância durava pouco tempo, pois a relação social principal era de sobrevivência e trabalho. É importante ressaltar que a criança era socializada longe do ambiente familiar, no meio dos vizinhos, criados,

crianças, velhos etc, porque era treinada em tarefas adultas, isso quer dizer, a responsabilidade da socialização não era assegurada nem controlada pela família. Na família, havia amor, porém a função afetiva não era latente, ou seja, os sentimentos entre os filhos ou até mesmo entre os cônjuges, não eram necessários, sua função era assegurar a transmissão da vida e dos nomes às crianças.

No final do século XVII essa situação começou a mudar devido a escola substituir a aprendizagem do dia a dia como meio de educação, pois passou-se a admitir que a criança não estava madura para a vida. A criança então passou a ficar separada dos adultos, com quem aprendiam com a vida e para a vida, e enclausuradas nas escolas. Essa separação fez com que as famílias se sensibilizassem com a infância e sentissem a necessidade de se organizar em torno das crianças (seus filhos,) coisa que não acontecia antes.

Viu-se que as crianças foram por tanto tempo tratadas como adultos em miniatura, porém hoje as crianças são vistas como sujeitos sociais completos, históricos e de direitos. A constituição deste paradigma esteve associada ao desenvolvimento dos estudos sobre crianças em contextos urbanos.

Desvinculando um pouco a ótica sobre o contexto urbano, se falará um pouco sobre crianças em contextos indígenas. Falar de criança indígena é falar de criança que desde muito cedo, aprendem brincando a fazer as tarefas, por isso seus brinquedos e brincadeiras estão sempre ligados às atividades que praticarão quando adultas. As crianças brincam nos terreiros com arco e flecha, nos rios, em pequenas canoas, flechando e navegando de um lado para o outro, utilizam o barro para fazer miniaturas de objetos domésticos, animais e figuras humanas. Também se divertem adentrando na floresta, na companhia dos adultos, indo atrás de frutas e passarinhos, quando aprendem a imitar os sons produzidos pelos animais.

Diferente da criança que vive em ambiente urbano, a criança indígena, durante a infância, vive uma imensa liberdade por meio das relações com a natureza e com a comunidade, é o que se compreende nas idéias de Nunes (p. 65):

Em nome da tranquilidade da ordem social [...] da insegurança doméstica ou urbana, a criança das sociedades urbanas acaba por

ser isolada em espaços e tempos definidos pelos adultos [...]. A cidade, a escola e a própria casa são contextos cheios de regras [...] que constroem a relação das crianças com o que está para além dessas fronteiras. Nas sociedades indígenas [...] de acordo com os relatos e trabalhos disponíveis, a fase que corresponde à infância é marcada pelo que consideramos ser uma enorme liberdade na vivência do tempo e do espaço [...].

Carrara (2001, p. 100) exemplifica a forma como o conhecimento das espécies animais, especificamente das aves, é aprendido pelos meninos Xavante, uma vez que as meninas não serão caçadoras. Durante a tarde um dos anciãos da aldeia Xavante, tendo em sua volta algumas crianças, narra por exemplo, a história do Gavião real, as crianças ficam encantadas com os gestos e expressões que o ancião faz. Segundo o autor as crianças Xavantes brincam constantemente com animais do cerrado, aves e outras espécies caçadas pelos adultos, e por intermédio desse tipo de brincadeira as crianças que estão aprendendo a falar, logo aprendem nomes de animais, bem como experimentam sensações táteis, olfativas, visuais, auditivas que as ajudam a ter uma percepção mental desses seres.

A situação que se coloca, é a seguinte, quando essa criança, que é habituada a uma educação onde têm a liberdade total de explorar o seu meio, vir residir na cidade, onde há muitas regras e limitações, com toda certeza sofrerá um impacto muito grande. Primeiro porque, devido a inserção de seus pais ao mercado de trabalho, os laços familiares se restringem resultando no despreendimento por parte da família à educação que estavam afeiçoados, a do dia - a - dia. Segundo porque a sua educação passa a ser de responsabilidade da escola, frente a essa situação a escola urbana terá um grande desafio, deverá considerar as características culturais e necessidades sócio-educativas dessa criança contribuindo deste modo com sua formação identitária.. Desta forma, a escola estará cumprindo o seu papel, na formação de sujeitos autônomos e autores de suas próprias histórias e com orgulho de ser criança indígena.

2. DESENVOLVIMENTO

Durante os primeiros meses desta pesquisa, foram realizadas visitas aos acervos da biblioteca da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da

Universidade do Estado do Amazonas (UEA), assim como, consulta a artigos e resenhas *online* referentes à pesquisa, de algumas universidades tais como da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, da Universidade Federal, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, da Universidade de São Paulo - USP.

As atividades deste projeto começaram no primeiro semestre de 2011, com o levantamento de livros, monografias, dissertações e teses especificamente sobre a identidade da criança indígena, e posteriormente leitura e fichamentos de alguns desses materiais.

No primeiro mês, portanto, foi realizada a apresentação do pré projeto à professora de orientação metodológica, depois foi realizada a entrega do projeto de pesquisa para avaliação na disciplina de Projeto II, após, foi encaminhado para avaliação da orientadora específica e revisão do projeto, foram feitas algumas alterações para que houvesse um melhor desempenho na pesquisa. Foram definidas as categorias de análises, cultura, identidade, criança *versus* criança indígena, diversidade cultural e processo ensino e aprendizagem dessas crianças. Posteriormente a algumas reuniões se constatou que ficariam muito amplas, então ficou decidido que ficariam somente três categorias, cultura, identidade e criança indígena.

No mês de novembro, mas especificamente dia seis, do ano 2012, houve uma apresentação parcial do projeto à uma banca para avaliação e compartilhamento de experiências. As contribuições dos avaliadores foram referentes à parte metodológica aplicada à pesquisa, em que sugeriram aplicar na investigação, os outros elementos da fenomenologia, ampliar o olhar sobre a identidade da criança indígena, por exemplo, procurando ter ciência do que a escola diz que ela é, o que ela diz que ela é, procurar observar se são citadas nos documentos da escola ou se o professor inclui ou se preocupa em contemplá-las em suas aulas etc. Essas colocações foram de fundamental importância para ampliar mais a visão a cerca da identidade dessas crianças e melhorar o desenvolvimento do trabalho.

3. METODOLOGIA

A metodologia empregada na pesquisa foi a seguinte: foi uma pesquisa qualitativa, sua escolha se deu em razão de não buscar enumerar ou medir eventos, mas por fazer parte da obtenção de dados descritivos mediante o contato direto e interativo do pesquisador, ou seja, a fonte de coleta de dados é o próprio ambiente natural, e o pesquisador é considerado o principal instrumento para essa coleta, como afirmam Bogdan; Biklen (1994, p.47) “na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal [...]” por isso se faz necessário o pesquisador ir a campo, vivenciar ações da vida cotidiana descobrindo seus significados e participando delas. Sendo assim, os pesquisadores qualitativos entendem que as ações podem ser mais bem compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência.

Sua abordagem foi fenomenológica, segundo Triviños (1987) a fenomenologia exalta a interpretação do mundo que surge intencionalmente à nossa consciência. Nesse sentido, a sua utilização pretendeu entender os fenômenos sobre a formação identitária da criança indígena na escola urbana, mediante as suas peculiaridades culturais.

O método de procedimento foi o etnográfico, pois segundo Spradley (apud LUDKE 1986, p13) a etnografia “é a descrição de um sistema de significados culturais de um determinado grupo [...]”, por isso a pesquisa etnográfica exige do pesquisador um prolongado tempo de permanência no campo de pesquisa, possibilitando recolhimento de dados, sobre hábitos, crenças, valores, práticas e a forma de compreensão da visão de mundo das crianças indígenas.

Nessa pesquisa, a presença do observador passa a ser constante e ele passa a fazer parte do grupo, tornado-se parte da situação observada, interagindo por longos períodos com os sujeitos e compartilhando do seu cotidiano. Assim, percebe-se que, para a realização desse tipo de pesquisa, há necessidades de algumas habilidades por parte do pesquisador, para que haja confiança entre os sujeitos envolvidos,

a pessoa precisa ser capaz de tolerar ambiguidades, ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade, deve inspirar confiança, deve ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si

mesma e aos outros [...] e deve guardar informações confidenciais [...] (HALL apud LUDKE, 1986).

Em meio a essa ótica, não se pode negar o grau de responsabilidade e compromisso com a pesquisa, tornando indispensável o cumprimento desses desafios por parte do observador.

Os instrumentos de coleta de dados foram: Observação participante e Entrevistas semi-estruturadas. Através da primeira, se terá contato com os sujeitos da pesquisa. As ocorrências serão presenciadas, sem fazer interferências, e posteriormente registradas, a partir de um roteiro elaborado. É uma técnica de coleta de dados que permite a descrição de situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos em forma de palavras.

A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter informações que vão além de impressões imediatas (CHIZZOTTI, 2001). Nesse sentido, como o objetivo do projeto é compreender a formação identitária da criança indígena e se a escola tem contribuído para o fortalecimento dessa identidade, logo para estudar esse fenômeno, a pesquisa tem que ser participante pelo fato de o pesquisador ter contato direto com o objeto da pesquisa, facilitando dessa forma a coleta de dados mais consistente. Nesse contexto o ato de observar é de fundamental importância, não se trata simplesmente de o pesquisador olhar o que está acontecendo, mas observar visando obter informações acerca de assuntos específicos.

Na observação participante, tem-se a oportunidade de unir o objeto ao seu contexto, contrapondo-se ao princípio de isolamento no qual fomos formados. Outro princípio importante na observação é integrar o observador à sua observação, e o conhecedor ao seu conhecimento, valorizando a interação social.

A segunda assemelha - se a uma conversa, segundo Bogdan; Biklen (1987, p. 134) a entrevista semi-estruturada favorece “[...] ao investigador desenvolver intuitivamente uma idéia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo [...]”, uma vez que esse instrumento serve para recolher dados descritivos na linguagem do sujeito, através de um roteiro contendo assuntos referentes a uma problemática específica. Dessa forma, a entrevista semi- estruturada teve como base as seguintes questões

norteadoras: Como a escola não indígena tem contribuído para o fortalecimento identitário da criança indígena na escola urbana? Como os processos educativos formais da escola urbana, valorizam os conhecimentos tradicionais, para a formação identitária da criança indígena? Quais os aspectos pedagógicos utilizados pela escola urbana para construção e reconstrução do fortalecimento da cultura indígena?

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo os resultados da pesquisa, na cidade de Parintins –AM encontram - se muitas crianças indígenas da etnia Sateré - Mawé, que migraram de aldeias e comunidades indígenas para a área urbana em busca de uma melhor educação, pois “na aldeia a educação não é boa, a melhor é da cidade” diz um pai de aluno que migrou com todos os membros da sua família para a cidade (diário de campo, 16/03/2013). A maioria das crianças imigrantes estudam na Escola Estadual professor Aderson de Menezes, devido sua proximidade com casa de trânsito¹. Muitos são os motivos que trazem famílias inteiras ou parte delas para a cidade, mas o principal motivo é a continuidade dos estudos, é o que alega os pais dos alunos. Essa busca pelo conhecimento faz com que as crianças indígenas se infiltrem na escola do “branco”, pois na cidade não há escola específica para os povos indígenas.

Esse contato com a escola urbana influencia diretamente na formação da identidade dessas crianças, contudo não quer dizer que elas deixam de ser indígenas porque moram na cidade e frequentam escola não indígena “ainda que as pressões de uma sociedade de classes, de políticas silenciadoras, tentem apagar o que há de mais significativo”no interior da escola que é a diferença e a heterogeneidade (FREIRE, 2009, p.16). Essa afirmação de Bessa Freire foi constatada no trabalho de campo em que as crianças indígenas passam por um processo de moldagem onde são - lhes imposto um modo homogêneo de ser, que oprime seus modos próprios de ser criança indígena. Prova disso foi o “momento da oração” antes de começar a aula, certa criança indígena não participava desse momento por isso foi dito a ela que parecia que

¹Casa que abriga as famílias indígenas vindas das aldeias. As crianças que migram das comunidades sem os pais geralmente moram com os parentes mais próximos, tias ou avós na casa de trânsito ou moram com famílias que as adotam como filha para fazerem trabalhos domésticos, a maioria são meninas.

não gostava de Deus, porque não orava e nem ficava quieto. Existem crianças que fazem piadinhas, quando alguém faz um ato fora do comum se diz “parece índio”, e o que é pior, sem intervenção da professora. O que se observou é preocupante, além de os alunos estarem sendo moldados por uma ideologia que visa à homogeneização, é também permitido o preconceito nos gestos e falas dos alunos não indígenas. Por esta razão muitas crianças indígenas não afirmam sua identidade étnica, preferem ficar no silêncio para não servirem de piadinhas para os colegas e se sentirem aceitos.

A escola urbana não está muito preocupada com essa diferença, porque a cultura escolar

[...] define papéis para os que dela fazem parte e de cada um é esperado que se cumpra o que lhe foi atribuído. Nesta relação, professoras, alunos e alunas, gestor e demais funcionários são lavados a incorporar a cultura escolar como única e independente, em detrimento das culturas diversas nas quais estão inseridos [...] (FREIRE, p.88)

Nesse sentido, é mais conveniente homogeneizar em vez de fazer a diferença em uma sociedade que legitima a homogeneização. Nos planos estaduais da educação e nos planos de aula dos professores não são contempladas as culturas indígenas, somente no livro didático de história, mas mostra uma visão preconceituosa, ainda que os enunciados tentem mascarar estes sentidos, ou seja, mostra as brincadeiras de crianças indígenas, nos rios, pescando, andando de bote, com corte de cabelo tipo franja, não mostra a outra realidade, índios urbanos. Sendo assim, cabe aos professores em sala de aula trazer à luz a realidade escondida. Porém em nenhum momento das aulas se constatou essa mediação.

A visão etnocêntrica da escola, em que avalia suas normas e valores como padrão aplicável a todas as crianças, se torna prejudicial à formação da identidade das crianças indígenas, uma vez que, impõe os seus valores, impõe seus modos de ser ou viver, porque acredita ser mais importante que as demais culturas e não reconhece que a criança indígena “[...] é um ser completo em suas atribuições, é um ser ativo na construção das relações em que se engaja, sendo parte integrante da sociedade, participante e construtora de cultura [...] (NASCIMENTO, 2011, p. 32) por isso não pode ser invisível na

escola. É contraditório o que consta no histórico da escola que defende uma filosofia que trabalha com amor buscando o respeito e a união de todas as pessoas envolvidas no espaço escolar com o intuito de formar cidadãos responsáveis no exercício de sua cidadania. No entanto, são [...] “objetivos difíceis de alcançar, que dependem não só da educação, mas de uma mudança mais geral da sociedade. [...]. quando assim fazemos, estamos usando um conceito[...]de utopia [...]” (GHIRALDELLI, 2007, p.30). Não é fazendo dessa forma que a escola vai ajudar na formação de cidadãos críticos e reflexivos, autores de suas histórias.

Portanto, manter a identidade indígena em escola urbana onde o lugar é exclusivo do “branco” é uma luta muito grande e isso é um problema grave porque se trata da escola, instituição que se diz formadora de sujeitos construtores da sociedade com capacidades para o exercício da cidadania.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de a cidade de Parintins ser habitada por um número grande de indígenas, onde podem ser encontrados em vários “cantos” da cidade, como as universidades, UEA e UFAM, lojas de confecções, praças, escolas etc, e de o referido estabelecimento de ensino atender um número bastante significativo de indígenas, o preconceito é notável.

Atualmente há muitas reivindicações de movimentos sociais que vão contra a visão homogeneizadora da sociedade e por isso lutam pelo reconhecimento de suas diferenças. Com a criança indígena não é diferente, elas precisam ser reconhecidas pelas suas diferenças, para que elas construam suas identidades étnicas sem medo de assumir que são indígenas ou de sofrerem preconceitos. Para isso acontecer, a escola deve adotar uma educação na perspectiva do multiculturalismo, esta por sua vez vai contra as culturas majoritárias. É um desafio muito grande para a escola porque realizar uma educação multicultural não se trata somente de reconhecer o outro, mas, além disso, de desconsiderar o querer etnocêntrico das culturas das elites, ou seja, de não aceitar que os valores e normas da cultura da elite sejam aplicáveis a todas as demais, mas que todos os outros valores culturais possam ser julgados importantes.

Portanto se trata de uma reivindicação que exige que as escolas não passem por cima das minorias, mas que considere todas as culturas importantes.

6. FONTES E REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC,2006.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Batista: Porto Editora,1994.

CARRARA, Eduardo. Um pouco da educação ambiental Xavante. In:_____. **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5 ed. São Paulo:Cortez,2001.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC,2002.

FREIRE, Maria do Céu Bessa. **A Criança Indígena na Escola Urbana**. Manaus. AM. Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNQUEIRA, Carmem. **Antropologia indígena**: uma (nova) introdução. 2. Ed. São Paulo: EDUC, 2008.

LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia cultural**: iniciação, teorias e temas. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à educação do futuro. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

NUNES, Angela. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In:_____. **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo, Atlas, 1987.

7. CRONOGRAMA DETALHADO POR FASES DA PESQUISA:

Nº	Descrição	Jan 2013	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
01	Levantamento bibliográfico								X	X			
02	Construção do Referencial Teórico, por meio da análise textual, temática e interpretativa dos livros referente ao estudo da temática.	X	X	X	X								
03	Etnografia com o corpo docente da escola, por meio da observação participante, para realização de uma descrição densa dos fenômenos que envolve a formação identitária da criança indígena.	X	X	X	X	X							
04	Desenvolvimento da Pesquisa na escola por meio de entrevistas semi-estruturadas.			X	X	X	X	X					
05	Análise e discussão dos dados								X	X	X	X	
06	Compilação de artigos e ou resumos para a elaboração do relatório									X	X	X	
07	Elaboração de Relatório Parcial										X	X	
08	- Elaboração do Resumo e Relatório Final										X	X	

